

**A CONSTRUÇÃO DA VOZ PASSIVA
NA PERSPECTIVA TRADICIONAL
E NA TEORIA FUNCIONALISTA**

Elaine Meireles Evangelista (UFES)
elainemeirelesevangelista@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O estudo da construção de voz passiva nas gramáticas tradicionais e nas gramáticas escolares parece ter sido relegado a segundo plano. Se observarmos o capítulo destinado a tratar desse assunto, este nos parece incompleto e descontextualizado em grande parte das gramáticas. O que pode estar associado ao fato desses compêndios considerarem a língua como um código fechado e elegerem frases descontextualizadas como unidade de análise, desconsiderando a dinamicidade da língua em uso.

Pretendemos neste artigo tratar a construção da voz passiva sob a perspectiva da teoria funcionalista, considerando aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos, a análise será feita oportunamente em notícias veiculadas em jornais televisivos e na internet sobre o caso da menina Isabella Nardoni, menina de 05 anos assassinada em São Paulo no dia 29 de março de 2008. Isso porque ao verificarmos as ocorrências da voz passivas referentes a esse caso, podemos perceber que é por meio do fluxo informacional dos textos que a construção da voz passiva traduz o uso real e contextualizado da língua.

Assim, observaremos de que forma a construção de voz passiva é apresentada nas gramáticas de Said Ali (1964), Bechara (2004), Rocha Lima (2005) e Abreu (2006). O objetivo é verificar o tratamento dado por esses autores ao fenômeno da voz verbal para então fundamentar a análise à luz do funcionalismo, que considera a construção da voz passiva a partir de domínios multifatoriais, definidos por Givón (1981).

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

UM POUCO DE TRADICIONALISMO

As gramáticas tradicionais tratam da construção de voz passiva de forma superficial quando não inadequada, uma vez que apenas a classificam em: analítica, quando o paciente da ação verbal é o sujeito da oração, formada, normalmente, pelo verbo auxiliar *ser* + particípio passado de verbos transitivos diretos + preposição *por* ou *pela* (preposição *por* + artigo *a*) + agente da passiva, como, por exemplo, “A casa foi construída por este engenheiro”; e sintética quando há a ocorrência do pronome clítico *se* com verbos transitivos diretos na terceira pessoa seguidos de um sintagma nominal (SN) com valor semântico de paciente, ex: “Alugam-se casas”.

Entretanto, apesar da generalidade da definição e classificação da voz passiva, percebemos que não há um consenso entre os gramáticos em relação a essa definição. Em Bechara (2004), a definição não difere da tradicional, apesar de incluir entre os verbos que funcionam como auxiliares nessas construções, os verbos *estar* e *ficar*. O autor também ressalta a diferença entre passividade e voz passiva, em que aquela nem sempre corresponde a uma voz passiva, podendo estar na voz ativa se o verbo tiver sentido passivo, ex.: “Os criminosos receberam o castigo merecido.” (2004, p. 222). Ainda em Bechara (2004), a voz sintética é tratada como reflexiva quando a ação verbal reverte-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), quando atua reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), quando o sentido é de impessoalidade e quando o verbo é empregado em forma reflexiva propriamente dita. O autor deixa lacunas ao não exemplificar cada uma das ocorrências da voz reflexiva apontadas por ele, o que torna difícil a compreensão.

Rocha Lima (2005) também não inova na explicação da voz passiva, somente diz que a preposição *de* pode, em alguns casos, introduzir o agente da passiva, ex.: “Nosso chefe era muito estimado de superiores e subalternos.” (2005, p. 254). Nos casos de voz passiva analítica em que o agente da passiva é omitido, Rocha Lima (2005) diz que essa omissão se deve ao fato de que o agente ser irrelevante.

Na “Gramática secundária e gramática histórica da Língua Portuguesa”, Said Ali (1964), divergindo dos gramáticos citados, diz que alguns verbos intransitivos podem construir orações em voz pas-

siva desde que tenham por complemento um nome regido pela preposição *a*, ex.: “Os meninos obedecem *ao* mestre / O mestre *é* *obedecido*”. Assim como Bechara (2004), Said Ali (1964) também trata da voz reflexiva, entretanto, classifica-a como voz medial, ressaltando que essa construção é empregada em quatro casos com significações diferentes. O primeiro caso ocorre quando o sujeito pratica ação verbal sobre si mesmo, ex.: “Pedro *matou-se*”; no segundo caso aparece estado ou condição nova em que a forma reflexiva equivale à combinação do verbo *ficar* com particípio do pretérito, ex.: “Renato *feriu-se* nos espinhos”, forma equivalente à: “Renato *ficou ferido*.”; já no terceiro caso o ato material ou movimento que o sujeito executa sobre si mesmo é idêntico ao que executa em coisas ou outras pessoas, sem que haja propriamente a ideia de direção reflexa como no primeiro caso, em que o ex.: “*Afastei-me* do fogo” é semelhante à ex.: “*Afastei a criança, o livro* do fogo”; e no quarto e último caso ocorre quando o sujeito é afetado, ex.: “Colombo *atreveu-se* a empreender viagem tão arriscada”. Nesse último caso, o autor faz um alerta para o fato de não haver uma regra que possa determinar quais os verbos que devem construir estruturas com esse sentido, uma vez que muitos verbos denotam atos em que o sujeito é afetado em construções na voz ativa. Isso ocorre devido a uma questão de uso, já que alguns verbos essencialmente reflexivos têm como sinônimos verbos que não necessitam do pronome reflexivo, como, por exemplo: *ousar* e *atrever-se*.

Já Abreu (2006), fala sobre a construção de voz verbal de um ponto de vista que aponta para uma abordagem funcionalista. O autor classifica as construções das vozes verbais em: voz ativa (ordem canônica: sujeito-verbo-objeto e/ou complementos, SVC/SVC), voz passiva e voz medial. Abreu (2006, p. 119) divide a voz passiva em analítica (com verbo auxiliar *ser*) e em pronominal. A analítica é aquela em que o objeto direto passa a ocupar a função de sujeito e o termo que desempenhava a função de sujeito é transferido para o predicado, precedido, em geral, pela preposição *por*. Ex: “Ana Paula *fechou* as portas” (voz ativa). “As portas *foram fechadas por* Ana Paula” (voz passiva). Nesse ponto, Abreu (2006) explica que o SN *as portas* passou a ser sujeito, com o qual o verbo concorda. O outro SN, *Ana Paula*, foi transferido para o predicado, recebendo o nome de complemento agente da voz passiva. Já a voz passiva pronominal

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

é a construção da voz passiva com o auxílio do pronome *se*, ex.: “Pinturas preciosas *salvaram-se*, durante o ataque da máfia em Florença, graças às cortinas de vidro blindado”. Segundo Abreu (2006), esse tipo de construção é identificada quando há a impossibilidade de o sujeito ser um argumento agente. Como, por exemplo, o verbo batizar, em que o sujeito não pode ser o agente da ação de batizar-se a si próprio. Aponta ainda como outra característica da voz pronominal, a ausência completa do agente da passiva.

Abreu (2006) pontua ainda que nem todas as construções ativas possuem passivas correspondentes, isso porque para serem passivas as construções ativas devem ser prototípicas, ou seja, aquelas em que o sujeito é sempre agente. Ex: “Maria *levou* a mala”, construção ativa prototípica, o que possibilita a construção na voz passiva, ex.: “A mala *foi levada* por Maria”; já em “Maria *levou* um tiro” Maria é paciente, não podendo, portanto ser transformada em voz passiva: “Um tiro *foi levado* por Maria”, parece-nos que nessa construção o que temos é a passividade a que se referiu Bechara (2004, p. 222); entretanto, o exemplo arrolado por este autor é aceitável, pois a passividade parece depender do traço semântico do verbo. Dessa forma, se o exemplo dado por Abreu (2006) fosse: “Um tiro *foi recebido* por Maria”, a oração seria aceitável. Nesse sentido, Abreu (2006) afirma que uma construção ativa somente poderá ser transformada em passiva se o sujeito for um agente, ou seja, requer um verbo de ação. O autor ressalta ainda que há construções análogas à voz passiva pronominal, as construções com verbos intransitivos, ex: “*Anda-se* muito de bicicleta em cidades planas”, nessa oração o agente experienciador é indeterminado, sendo apenas pressuposto. Abreu (2006) explica que “como não há nenhum termo com que o verbo possa concordar, essas orações não têm sujeito” (Abreu, 2006, p. 120).

A voz medial para esse autor é classificada a parte da voz passiva, sendo distinguida em: medial reflexiva e medial recíproca. A voz medial é representada na “construção em que o verbo, na voz ativa, tem um objeto direto representado por um pronome átono, referente à pessoa do sujeito” (Abreu, 2006, p. 121). Na reflexiva, o sujeito é um agente/experienciador, ex: “Maria *penteou-se*”; e na recíproca, dois ou mais sujeitos exercem, ao mesmo tempo, “a função

de agente e de paciente do mesmo processo, ex.: Os namorados *beijaram-se.*” / Pai e filho *abraçaram-se.*

OS PRINCÍPIOS DA GRAMÁTICA FUNCIONALISTA

Uma Gramática Funcional, segundo Dik (*apud* Neves, 2004), deve conformar três princípios de adequação explanatória, especialmente de natureza descritiva: **adequação pragmática**, que apresenta maior relevância na teoria, uma vez que uma Gramática Funcional deve ser concebida como uma teoria integrada a um modelo de usuário de língua natural; **adequação psicológica** que define a compatibilidade entre a descrição gramatical e hipóteses psicológicas fortemente evidentes a respeito do processamento linguístico, que determinam a maneira como as expressões são percebidas, interpretadas, armazenadas, recuperadas e produzidas; **adequação tipológica**, pois além de fornecer gramáticas para línguas tipologicamente diferentes, ela deve explicar as similaridades e as diferenças entre os diversos sistemas linguísticos.

A CONSTRUÇÃO DA VOZ PASSIVA NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Na perspectiva funcionalista, a língua não é um sistema autônomo e sim dependente do contexto social, da atuação dos falantes em situações reais de fala. Desse modo, as estruturas sintáticas são motivadas pelos diferentes contextos, o que se aplica também nas análises da voz passiva.

Na literatura linguística, a oração ativa é identificada como a estrutura sintática mais básica (prototípica), o padrão neutro. Por sua vez, a oração passiva é tratada como uma estrutura complexa, o padrão marcado (Furtado da Cunha, 2000, p.108).

O princípio de marcação estabelece três critérios principais para a distribuição entre categorias marcadas de categorias não-marcadas, em um contraste binário:

a) **Complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa que a estrutura não-marcada correspondente;

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

b) **Distribuição de frequência:** a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente; e

c) **Complexidade cognitiva:** a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente (Martelotta; Areas, 2003, p. 34).

Sendo assim, a complexidade da passiva não é algo apenas sintático, devendo ser explicada com referência ao seu uso na comunicação. Segundo Furtado da Cunha, “a complexidade pressuposicional da passiva resulta do fato de que a maioria dessas orações tende a envolver um agente pressuposto, que é identificável do contexto discursivo ou do conhecimento pragmático geral” (apud Furtado da Cunha, 1989). Em outras palavras, a voz passiva por quebrar a ordem dos constituintes na voz ativa (mais prototípica) não apresenta o agente de forma tão clara quanto às construções ativas, daí decorre grande parte do grau de pressupocionalidade dessas construções.

Numa perspectiva funcional, a construção da voz verbal deve ser vista a partir de um olhar semântico-oracional e pragmático discursivo, portanto a construção passiva é definida como um **domínio multifatorial** e, por isso, sujeita a uma caracterização prototípica a partir da qual ganham contorno próprio (Camacho, 1999).

Segundo Givón (1981), por ser um conceito multifuncional a voz passiva envolve três domínios funcionais:

Topicalidade: sujeito agente da sentença ativa deixa de ser o tópico, atribuindo-se essa função a um argumento não-agente, geralmente o paciente, também chamada de voz passiva pessoal. Ex: *Pedro quebrou o vaso \ O vaso foi quebrado por Pedro.*

Impessoalidade: suprime-se a identidade/presença do sujeito/agente da sentença ativa.

Ex: *Quebrou-se o vaso. / O livro foi rasgado.*

Detransitividade: a sentença passiva se torna semanticamente “menos ativa”, menos transitiva, mais estativa. Ex: *O pneu furou. / O copo quebrou.*

O principal interesse de Givón (1981) é estabelecer uma caracterização morfossintática das construções passivas mediante a combinação dessas três propriedades, com base na alegação de que essa caracterização é escalar, não exatamente discreta.

A respeito da relativa topicalidade do SN argumental, Givón (1994 *apud* Camacho, 1999) diz que é possível analisá-la com base em dois parâmetros **acessibilidade anafórica e persistência tópica**, tendo por princípio o fato de que a topicalidade de referentes nominais, cognitivamente significativos, pode ser metodologicamente mensurável.

GRAU DE TRANSITIVIDADE

A complexidade da passiva, do ponto de vista sintático, é explicada pela ordenação dos constituintes da oração, pois na construção passiva a ordem é mais comum (SVO), “em que sujeito e objeto [...] correspondem aos papéis semânticos de agente e paciente respectivamente” (Furtado da Cunha, 2000, p. 108).

Assim, se em português os SN's agentes (sujeito e tópico) tendem a ocupar a posição inicial da oração e os SN's pacientes (objeto) ocorrem mais frequentemente na posição pós-verbal, a estrutura de passiva afeta a correspondência entre os papéis semânticos e relações gramaticais, pois permite que o objeto de um verbo semanticamente transitivo passe para a posição de sujeito e tópico e, o agente é omitido ou apresentado num sintagma preposicionado (Furtado da Cunha, 2000)

Versando sobre a transitividade semântica do verbo Camacho (2006) diz que muito provavelmente, são os verbos de ação [+dinâmico,+controlado] os que prototipicamente desencadeiam as construções passivas. São os traços semânticos que possibilitam a construção passiva.

A GRADAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE VOZ VERBAL NO CASO ISABELLA NARDONI

Para exemplificar a gradação da construção de voz verbal à luz da teoria funcionalista, elegemos as notícias concernentes ao caso Isabella Nardoni. Esse caso foi escolhido porque a construção de passiva é muito produtiva em textos que tratam de assuntos em que não é conveniente e nem adequado apontar os agente, uma vez que nesses casos é necessário que se prove em juízo o (s) agente(s).

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMÁTICAIS

Topicalidade

Nas primeiras notícias veiculadas pela imprensa, percebemos o uso da voz passiva no domínio funcional da topicalidade, pois nesse caso o que se tem a intenção ressaltar é o sujeito paciente. Embora, pareça a mesma classificação feita pelas gramáticas tradicionais, a noção de tópico, da intenção do locutor/falante não é considerado nas abordagens tradicionais.

1) Título da matéria: “Morte de criança *é cercada* de mistérios em São Paulo”

2) “A menina Isabela Nardoni que caiu do sexto andar de um prédio *foi assassinada*”.

Nos exemplos arrolados, o apagamento do agente da passiva que se deve ao fato de não ter a informação completa naquele momento, nesses casos a voz passiva possibilita a veiculação da notícia sem que se corra o risco de apontar um agente de forma precipitada e comprometedor, visto que se trata de um crime e apontar um agente pode significar acusar alguém.

Camacho (1999) considera que quanto mais tematicamente importante tendem a os referentes tanto mais anaforicamente acessíveis e cataforicamente persistentes, isto é, quanto mais tópicos mais textualmente contínuos e recorrentes.

No *corpus* analisado isso é comprovado, pois há um movimento circular do tópico:

3) “Uma morte misteriosa num bairro de classe média em São Paulo, a vítima uma menina de cinco de idade, ela *teria caído* ou *sido jogada* do sexto andar do prédio onde passava o fim de semana com o pai”.

4) “O casal *foi ouvido* ontem, a polícia disse que pai e madrasta não são suspeitos, mas *averiguados*.”

5) “O médico legista que examinou o corpo da menina disse ao delegado que encontrou vestígios de que *Isabela tenha sido ferida* antes da queda, o que explicaria as marcas de sangue no apartamento”.

¹ Os exemplos 1-5 foram retirados da reportagem transmitida pelo apresentador Carlos Machado no Jornal “Bom dia Brasil” da Rede Globo, terça-feira, 31 de março de 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os exemplos 3 e 5 o tópico a menina, já no exemplo 4 o tópico passa a ser o casal Nardoni e depois volta a ser a menina, isso atesta o movimento circular da informação no fluxo do texto.

Impessoalidade

Em relação à impessoalidade, podemos verificar sua ocorrência nos exemplos:

6) “Polícia crê que *Isabela Nardoni foi assassinada*”²

Embora, os casos de impessoalidade na abordagem tradicional são tratados de forma superficial, pois não se explica o fenômeno da voz passiva com base na análise de textos. O que torna impossível, em alguns casos, o entendimento do sentido da frase. Quando observado sua realização em textos, como no exemplo 6, percebemos a intencionalidade no uso da voz passiva com o apagamento do agente.

Detransitividade

Não foram encontrados nos textos analisados nenhum caso de detransitividade, isso talvez se deva ao fato de não haver possibilidade desse tipo de construção nos textos analisados. Mesmo observando ocorrências como:

7) “Para a polícia a tela *foi cortada*”

Não existe a possibilidade de se ter uma versão do exemplo 7, como: “A tela cortou-se”. Parece-nos que a detransitividade relaciona-se ao se ter um sujeito que é aparentemente agente, mas que pelo nosso conhecimento pragmático geral sabemos que existiu um instrumental e um agente, que podem exercer a mesma função como, por exemplo, “O prego furou o pneu da bicicleta”.

² Reportagem transmitida pela apresentadora Renata Vasconcelos no Jornal “Bom dia Brasil” da Rede Globo, terça-feira, 01 de Abril de 2008.

QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A contribuição do funcionalismo para o entendimento do fenômeno da voz passiva está no fato de levar em conta não apenas seu aspecto estrutural, mas também semântico\discursivo\ pragmático.

Ao abordar a semantividade da transitividade verbal, torna a construção passiva mais entendível. Isso porque a partir do momento que o usuário da língua compreende o que é um verbo de ação, ele tem mais possibilidades de entender que nem sempre uma construção aparentemente de passiva pode ser considerada realmente uma passiva e, assim, usá-la com mais propriedade.

Além disso, ao não enfatizar a questão do complemento agente ser introduzido pela preposição *por*, essa abordagem permite que se identifiquemos uma construção de passiva em que o apagamento do agente é proposital.

Nesse sentido, a análise da construção da voz passiva no fluxo do texto torna mais claro o entendimento dos motivos para a escolha dessa construção em detrimento da ativa, pois como diz Abreu (2006) em determinadas cenas, é mais natural assumir o ponto de vista do paciente, ou daquilo que foi afetado. Um outro motivo para o uso da voz passiva é permitir o descarte dos responsáveis por uma determinada ação, ou por ser redundante explicitá-la, ou por poder ser comprometedor fazê-lo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez de. *Gramática mínima*: para o domínio da língua padrão. 2ª ed. 2006, São Paulo: Ateliê, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. Construções passivas e funções pragmáticas. In: *Estudos Linguísticos*. São Paulo: São Paulo, vol. 28, p. 410-416, 1999.

———. *A gradação tipológica das construções de voz*. Gragoatá (UFF), v. 21, p. 167-189, 2006.

CUNHA, Maria Angélica Furtado. A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso. In: *Linguagem & Ensino*, vol. 3, Nº 1, 2000, p. 107-116.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARLOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem. **In:** CUNHA, Maria Angélica Furtado; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e histórica da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Brasília: UnB, 1964.

BOM dia Brasil. Morte de criança é cercada de mistérios. **In:** *Globo.com*. Disponível em <http://video.globo.com/videos/player/noticias/0,,gim809642-7823morte+de+crianca+e+cercada+de+misterios+em+sao+paulo,00.html>. Acesso em 01 maio 2008.

GLOBO Vídeos. Polícia crê que Isabella Nardoni foi assassinada. **In:** *Globo.com*. Disponível em <http://video.globo.com/videos/player/noticias/0,,gim810057-7823policia+cre+que+isabela+nardoni+foi+assassinada,00.html>. Acesso em 01 maio 2008.